



Futebol Moderno Versus Futebol Romântico: O Esporte Como Instrumento de Materialização do Estado Nacional¹

Matheus Simões MELLO²
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o uso do futebol como elemento de concretização de um estado-nação e o retrato de tal processo na mídia esportiva impressa. Como respaldo teórico, utiliza-se as contribuições de Boaventura de Sousa Santos acerca da modernidade, bem como alguns aspectos da geopolítica da referida modalidade e sua inserção em questões referentes à identidade nacional. Adota-se como corpus quatro matérias sobre a Nouvelle Fédération Board (NF-Board), entidade que reúne federações não reconhecidas pela Fédération Internationale de Football Association (Fifa), em quatro veículos diferentes: a revista *Don Balón* (Espanha) e os jornais *Lance!* (Brasil), *La Hora* (Chile) e *The Wall Street Journal* (Estados Unidos).

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; jornalismo esportivo; modernidade; geopolítica do futebol; identidade.

Introdução

No decorrer do século passado, muitas nações solidificaram o sentimento de pertencer a um Estado através do esporte, independente da modalidade. No Brasil, o futebol foi crucial para a formação de uma identidade nacional e, sobretudo, para a integração social. O presente artigo tem como objetivo analisar o uso do futebol como um instrumento de concretização de uma Nação. Para tanto, considera-se aqueles territórios/ regiões/ povos que possuem uma federação vinculada à Nouvelle Fédération Board (NF-Board).

Como respaldo teórico, adota-se os conceitos de Boaventura de Sousa Santos para refletir sobre a modernidade de um modo mais abrangente. Posteriormente, dá-se enfoque ao futebol, para que se possa contextualizar a geopolítica do esporte mais popular do mundo. Por fim, utilizam-se as discussões de Luís Antezama e Sergio

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Mestrando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (Posjor/UFSC). Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc (2012). E-mail: senso_de_humor@hotmail.com



Villena Fiengo para abordar a questão identitária no futebol, pois julgo ser essencial para tal contexto.

Em seguida, são expostos alguns dados sobre a NFB e as federações que a compõem. Superado esse percurso, intenta-se propor uma breve análise de quatro reportagens estampadas em quatro veículos diferentes: os jornais *Lance!* (Brasil), *La Hora* (Chile) e *The Wall Street Journal* (Estados Unidos); e a revista *Don Balón* (Espanha).

Acredita-se que o presente artigo pode contribuir para a compreensão do processo de globalização, visto que "[...] parece evidente que una comprensión amplia de los procesos de globalización cultural en curso no puede dejar de mencionar a fútbol como uno de sus escenarios privilegiados" (VILLENA FIENGO, 2003, p.257). Nas últimas décadas, a concepção das agremiações futebolísticas como empresas e a transnacionalização das competições é gradativa, tornando a modalidade mais uma consequência do referido fenômeno.

A modernidade e suas implicações

Ao mesmo tempo em que caminha progressivamente, a modernidade segrega, o que resulta na marginalização de grande parte da população mundial. Santos (2007, p.8) afirma que, em vez de significar o abandono do estado de natureza e a passagem para a sociedade civil, a modernidade ocidental significa a coexistência entre a sociedade civil e o estado de natureza, sendo estes divididos por uma linha abissal, com base na qual o olhar hegemônico se encontra na sociedade civil e declara o estado de natureza como não-existente. Santos defende a necessidade de se construir um pensamento pós-abissal, o que acarretaria na superação de tais linhas. Para que isso ocorra, deve-se constituir um diálogo entre os conhecimentos das mais variadas localidades, sendo imprescindível, segundo o autor, um processo de tradução de saberes. O desenvolvimento desse processo pode ser realizado através da contribuição de saberes hegemônicos e não-hegemônicos ou simplesmente de saberes não-hegemônicos. “A importância deste último trabalho de tradução reside em que só através da inteligibilidade recíproca e consequente possibilidade de agregação entre saberes não-hegemônicos é possível constituir a contra-hegemonia” (SANTOS, 2002a, p.265)



Como será visto mais adiante, o mundo futebolístico – principalmente nas últimas décadas – vem se enquadrando no cenário descrito pelo autor português. Tal associação, inclusive, pode ser explicada pelo surgimento da modalidade:

Não é casual que a Inglaterra tenha sido o berço da Revolução Industrial e do futebol. Os dois fenômenos baseiam-se em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados, fixação de regras (FRANCO JÚNIOR apud. FAVERO, 2009, p.17)

Atualmente, a nomenclatura “futebol moderno”, constantemente utilizada como sinônimo de prosperidade, sustenta tal argumento. Além disso, o êxodo de jogadores diferenciados para os mercados que concentram a maior parte do poderio financeiro no ‘Mundo da Bola’ contrasta com a dicotomia regulação/emancipação trazida por Santos. Enquanto se tem aquelas equipes com capital suficiente para concentrar as grandes estrelas da modalidade, resta às demais agremiações revelarem e/ou apostarem em jovens promessas que, em seguida, serão repassadas às equipes do primeiro grupo mencionado.

A globalização e o futebol: uma questão identitária

O constante estreitamento de laços entre as nações vem transformando o cenário geopolítico mundial. E no futebol não é diferente. Favero (2009) e Canettieri (2010) suscitam importantes discussões sobre geopolítica a futebol. Ambos analisam o domínio da entidade máxima da modalidade, a Fédération Internationale de Football Association (Fifa), e seus desdobramentos. Desde 1974, quando o brasileiro João Havelange assumiu a presidência da Fifa³, a postura da organização mudou radicalmente: de uma mera associação esportiva para uma entidade com visão empresarial, o que rendeu contratos bilionários e lucros exorbitantes. Boniface (apud FAVERO, 2009, p.22) pontua que não há nenhum local habitado no planeta, por menor que seja, que tenha podido resistir ao futebol. Em outras palavras, o futebol penetra nas mais distintas sociedades com o aval das mesmas. Prova disso é o fato de a Fifa possuir mais membros

³ O mandato do brasileiro durou até 1998, quando foi substituído pelo suíço Joseph Blatter.



afiliados que a Organização das Nações Unidas (ONU)⁴. Tais números se devem ao fato de o esporte ser considerado por muitos como um elemento fundamental na consolidação de um Estado e, em alguns casos, antes mesmo de a nação ser reconhecida⁵.

Mais que qualquer outro esporte, o futebol carrega consigo grande capital simbólico de representação da nação. E é justamente este caráter simbólico do esporte que permite despertar tamanha comoção entre os movimentos nacionalistas. (DRUMOND apud CANETTI, 2010, p.118).

Apesar do caráter libertário que o futebol assume, o controle da Fifa sobre as federações nacionais, sobretudo desde o início do mandato de Havelange, inibe o surgimento de alternativas dentro da própria associação, forçando, assim, os países filiados a seguirem à risca as determinações da Fifa e, em consequência, do ‘futebol moderno’. Nesse contexto, o esporte mais popular do mundo marcha para um caminho que antagoniza com o último adjetivo aqui citado: a elitização. Além disso, alguns teóricos como, por exemplo, Antezama (2003) e Villena Fiengo (2003), acreditam na transnacionalização do futebol, acabando com as peculiaridades futebolísticas de cada país; a ginga e a malandragem brasileira, o rigor tático europeu, a velocidade dos asiáticos e a força física dos africanos.

Em compensação, ao mesmo tempo em que a globalização constrói uma homogeneização identitária, incita o regresso ao comunitarismo (SANTOS, 2002b, p.1). Se voltarmos nossos olhares para o futebol, tal perspectiva também é defendida por alguns autores. Drumond (apud CANETTI, 2010, p.116) identifica a modalidade como um instrumento de reforço das identidades regionais. Já Antezama (2003, pp.91,92) divide a identidade futebolística do indivíduo em duas: a identidade clubística (*tifosi*)⁶ e a identidade nacional (metaidentidade). Apesar de o autor boliviano se referir claramente à primeira como condizente ao time para qual o sujeito torce, creio que o mesmo conceito pode ser adotado quando se analisa a identidade regional. Para elucidar tal pensamento, pode-se mencionar o amistoso entre Seleção Brasileira e Seleção

⁴ A ONU possui 193 membros, enquanto 209 federações são filiadas à Fifa.

⁵ No século passado, algumas nações como, por exemplo, a Argélia, adotaram essa postura. Atualmente, pode-se inserir a Palestina nesse contexto.

⁶ Segundo o autor, o termo deriva do italiano e significa “contágio febril”.



Gaúcha, realizado no dia 17 de julho de 1972⁷. Naquela oportunidade, os gaúchos se revoltaram com a não convocação do lateral Everaldo, jogador do Grêmio que conquistara o terceiro título Mundial no México dois anos antes, para o selecionado verde e amarelo. O fato motivou 100 mil gaúchos a comparecerem no estádio Gigante da Beira-Rio para torcer contra o Brasil. Nesse caso, por conseguinte, a identidade regional (*tifosi*) prevaleceu perante a identidade nacional.

Apesar de o caso referido acima aludir com o que foi dito, deve-se ponderar que este – e a maioria dos demais casos, principalmente os atuais – envolvem a entidade máxima do futebol. Como já foi abordada, a geopolítica do futebol é composta por dois grupos: aqueles países que tem recursos suficientes para investir e formar ligas organizadas com jogadores de alto gabarito e os demais que, geralmente, servem de fornecedores de atletas com futuro promissor. Dessa forma, se associarmos o pensamento abissal proposto por Santos, vê-se nitidamente uma linha que divide esses grupos. Porém, como se sabe, existem algumas populações que, mesmo tendo o sentimento de soberania nacional, não são reconhecidas como Estado, nem pela Fifa, tampouco pela comunidade internacional. Em outras palavras, esses povos não têm a oportunidade de disputar competições ‘oficiais’ graças à desavenças políticas. Levando em conta o controle da Fifa perante as nações associadas, agindo como uma empresa (FAVERO, 2009), as nações não-reconhecidas são englobadas por selecionados vinculados à Fifa⁸. Ao analisar a lógica de produção dominante, Santos ressalta: "As entidades ou realidades definidas como particulares ou locais estão aprisionadas em escalas que as incapacitam de serem alternativas credíveis ao que existe de modo universal ou global" (SANTOS, 2002a, p.248). À vista disso, a solução encontrada pelos Estados não reconhecidos é a organização de uma entidade alternativa, sendo esta encarregada de organizar competições que as envolvam, como será abordado no item a seguir.

Futebol: uma alternativa para a consolidação nacional

Visando a necessidade de integrar os Estados não reconhecidos por meio do futebol, algumas associações surgiram para que se tivesse a oportunidade de disputar

⁷ A partida terminou empatada: 3 a 3. Desde então, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) jamais realizou amistosos contra selecionados estaduais.

⁸ Catalães e bascos na seleção espanhola, curdos nas seleções iraquiana e turca, lapões nos selecionados de países escandinavos, dentre outros.



competições em âmbito internacional e, assim, chamar a atenção dos demais países para a situação dos participantes. Dentre elas, merecem referência a Federation of International Football Independents (Fifi), a International Football Union (IFU), a Federação de Futebol da República Turca do Chipre do Norte (Kıff) e a Nouvelle Fédération Board (NF-Board). A última mencionada, criada em 2003, é a que talvez tenha alcançado os resultados mais expressivos. Desde sua fundação, a entidade organizou seis edições da Copa do Mundo VIVA (VIVA World Cup), além de ter auxiliado na organização de outros eventos, por meio de parcerias com outras federações independentes.

Atualmente, a NF-Board possui cinquenta membros associados. Estes, não obstante, vivem situações distintas. Dois deles – Mônaco e Kiribati – são nações soberanas que somente não são vinculadas à Fifa. Existem aquelas que tentam seguidamente se associar à poderosa entidade, mas, por pressões políticas, são rejeitas, como a ilha africana de Zamzibar, pertencente à Tanzânia. Há, também, as etnias sem Estado próprio: este é o caso do Curdistão e da Federação dos Arameus. Por último, pode-se citar aquelas regiões que possuem cultura própria e, em alguns casos, idioma característico, mas que dotam de relação saudável com as nações das quais fazem parte, como a Sardenha, a Provença e a Occitânia.

No que diz respeito aos elementos que compõem um Estado, Boniface ressalta a importância do futebol, sendo apontado como um elemento chave pelo autor francês:

A definição clássica de Estado assenta em três critérios tradicionais: território, população e governo. Nós poderíamos acrescentar um quarto: uma equipe nacional de futebol! Hoje a independência nacional se caracteriza pela capacidade de defender as fronteiras, cunhar moeda e disputar competições de futebol no plano internacional. (BONIFACE apud FAVERO, 2009, p.59) [Tradução do Autor]

Salvo as distinções citadas no parágrafo anterior, nota-se o objetivo das federações filiadas à NF-Board de efetivarem a legitimação nacional desses territórios/ Estados não reconhecidos/ regiões através do futebol. Ademais, o trabalho conjunto entre NF-Board e federações associadas torna as ambições destes mais difundidas, ao ponto de despertar a atenção de alguns veículos de comunicação.

A repercussão da NF-Board na mídia impressa



Em seu site oficial⁹, a NF-Board disponibiliza algumas matérias que abordam a entidade, nos mais variados jornais e revistas do planeta. Todos os quatro que foram analisados para esta pesquisa produziram bons materiais. Porém, alguns aspectos importantes acabaram não sendo relatados. De um modo geral, enfatizam o fato de a NF-Board ser uma “sala de espera” para as federações que aspiram ser integradas à Fifa – o que, diga-se de passagem, é citado no próprio site da organização. Contudo, pouco se ressalta a importância do diálogo entre os Estados não reconhecidos e povos sem Estado.

Com o título “La otra FIFA, el mismo fútbol”, a revista espanhola *Don Balón* prioriza a história da entidade e a descrição de alguns membros. A publicação utiliza da volatilidade da geopolítica contemporânea para introduzir o tema. Menciona o caso das Ilhas Feroe, arquipélago que pertence à Dinamarca e é afiliada a Fifa, o que não ocorre com a Groenlândia, outro território dinamarquês (este associado à NF-Board), exemplo que contrasta com um dos argumentos centrais da NFB: os critérios de submissão da ‘entidade máxima’ do futebol são arbitrários e de cunho político. Mais adiante, no subtítulo “Política, Deporte y Credibilidad”, a revista espanhola questiona a credibilidade de alguns membros da entidade, como Padânia¹⁰ e Sealand¹¹. Logo após, para amenizar a crítica, escreve-se: “La pasión y el deseo de jugar están por encima de cualquier discusión política o administrativa”¹².

Por sua vez, o diário esportivo brasileiro *Lance!* fez uma série de reportagens sobre a entidade, em 2008¹³. O jornal só consegue transmitir os pontos positivos da NF-Board através das citações transcritas. Ao abordar a Copa do Mundo Viva, inclusive, o diário afirma que o objeto de premiação – uma homenagem ao ex-presidente sul-africano Nelson Mandela – desperta maior curiosidade do que o próprio torneio. Outra postura equivocada por parte do *Lance!* diz respeito à tentativa de contextualização

⁹ <<http://www.nf-board.org/>> (Acesso em 30 de novembro de 2013).

¹⁰ Território que engloba o norte da Itália, supostamente idealizado pelo partido de direita Lega Norte, que defende a separação do norte italiano, que possui maior poder econômico se comparado com o sul do país.

¹¹ Principado não reconhecido como Estado soberano por nenhum órgão. Situa-se em uma base naval britânica construída para a Segunda Guerra Mundial que, ao término dos conflitos, foi desativada pelo Reino Unido.

¹² Matéria completa disponível em:

<http://media.wix.com/ugd/f867c1_7e43164a2c37f4e8a795878dc1197a95.pdf> (Acessado em 30 de novembro de 2013).

¹³ Matéria completa disponível em:

<http://media.wix.com/ugd/f867c1_f2c5db4d1b8d6e2fe719bb45b70338a3.pdf> (Acessado em 1º de dezembro de 2013).



proposta. O presidente da Federação de Futebol de Montenegro, aceita pela Fifa em 2006, foi entrevistado com o intuito de apontar possíveis caminhos para serem percorridos pelos associados à NFB que têm o desejo de serem aceitos pela entidade presidida por Blatter. No entanto, deve-se salientar que o processo de independência de Montenegro, na metade da década passada, dificilmente será repetido por qualquer membro da NF-Board. Por conseguinte, o ingresso de Montenegro na Fifa dotou de tranqüilidade singular, algo que dificilmente irá ocorrer com os atuais postulantes à submissão.

Já o jornal chileno *La Hora* é mais cauteloso. Intitulada “NF-Board: La “outra” FIFA recupera el fútbol romántico”¹⁴, a matéria é conduzida de modo que a bandeira de futebol para todos, levantada pela entidade, é posta em primeiro plano. Ademais, *La Hora* mostra a NFB como uma entidade disposta a disseminar o esporte mais popular do mundo para todo o planeta, e não como uma versão genérica da Fifa. Do corpus analisado, acredito que seja o texto melhor desenvolvido, apesar de obter o mesmo destaque e infográficos que complementem o fato.

Por fim, o jornal norte-americano *The Wall Street Journal* retrata a NF-Board através de um texto sério e sem adjetivações ou trechos que soem como interpretativos¹⁵. A publicação inicia o texto relacionando a Copa do Mundo da Fifa e a VIVA World Cup de uma maneira bem arquitetada e que prende o leitor. Mais à frente, aborda as dificuldades que impedem a NFB de pensar em competições com um número maior de equipes. O diário não se envolve, pois, em qualquer tipo de polêmica. Contudo, tal postura deixa a informação muito mais engessada, se comparada ao material veiculado por *La Hora*, por exemplo.

Considerações finais

No decorrer do presente artigo, buscou-se refletir acerca do futebol como instrumento de materialização nacional, atentando para aqueles casos em que a modalidade é o único – ou um dos únicos – meios possíveis. Em um primeiro momento, refletiu-se acerca das implicações da modernidade de uma forma mais

¹⁴ Matéria completa disponível em:

<http://media.wix.com/ugd/f867c1_6b3def0085b2f721e46906198b0a9cc2.pdf> (Acessado em 1º de dezembro de 2013).

¹⁵ Matéria completa disponível em:

<http://media.wix.com/ugd/f867c1_d7101b7c6092d79f4c4fdacabeda2c8a.pdf> (Acessado em 1º de dezembro de 2013).



abrangente, redirecionando, posteriormente, nossos olhares para o futebol que, como foi discutido, vem sendo norteado através das diretrizes do ‘futebol moderno’, bandeira levantada pelas grandes entidades internacionais que administram o esporte (Fifa, confederações e federações associadas).

Em seguida, evidenciou-se uma perspectiva geopolítica do futebol, comentando sobre a difusão social do esporte nas mais variadas localidades e suas implicações. Discutiu-se, também, sobre a identidade futebolística do indivíduo e a sua complexidade, sendo esta uma das grandes barreiras para a disseminação total do ‘futebol moderno’. Por fim, abordou-se o caso da NF-Board e seus afiliados e a repercussão de tal iniciativa em quatro veículos diferentes.

A partir de tais reflexões, é necessário ressaltar a importância do futebol como fator primordial na ascensão social (BROMBERG apud ANTEZAMA, 2003) para aqueles que estão “do outro lado da linha”, além da vitrine proporcionado pelo esporte, o que acaba despertando a atenção da comunidade internacional. Partindo de tais afirmações, pode-se considerar a modalidade como um veículo de interlocução entre atores sociais, sejam eles os torcedores ou até mesmo os próprios atletas que duelam dentro de campo¹⁶. Os atores sociais, por sua vez, usufruem a ‘linguagem futebol’ para transmitir a mensagem que, no caso da análise desta pesquisa, significa alertar o mundo sobre as necessidades de alguns povos renegados e sufocados pelo ‘futebol moderno’.

A importância que o futebol assume na construção de uma geopolítica global é, também, lembrada por José Miguel Wisnik (2008), que afirma que o futebol se tornou uma espécie de língua geral, que põe em contato povos de todos os continentes e que, no momento da prática esportiva em si, são colocados de modo igualitário. (CANETTIERI, 2010, p.117).

Dada a igualdade de povos distintos dentro das quatro linhas, pode-se pensar no futebol como um elemento que fale por todas as nações que partilhem de um objetivo relativamente comum, como no caso da NFB. Parto da hipótese de que há um evidente diálogo entre territórios não-hegemônicos para que troquem experiências e busquem alternativas, tal qual o processo de tradução mencionado por Boaventura de Sousa Santos.

¹⁶ Para compreender melhor a ideia de que jogadores e torcedores são atores sociais, ver Antezama (2003, p.87).



De acordo com o próprio site da NF-Board, como já foi aqui pontuado, a entidade se projeta como uma “sala de espera” para que as federações sejam aceitas na Fifa, o que, obviamente, as englobaria no conceito de ‘futebol moderno’ pregado pela ‘entidade máxima’ do futebol. Todavia, lembremos que a intenção da grande maioria dos membros da NFB é simplesmente chamar a atenção do planeta para suas reivindicações e seu desejo de possuir um Estado próprio. Cenettieri (2010, p.125) identifica tal estratégia como uma “[...] etapa preparatória importante no plano psicológico para efetivar seu Estado nacional”. E a Fifa, inegavelmente, possui poder político suficiente para contribuir em tal processo.

No que diz respeito às reportagens analisadas, acredita-se que elas deveriam ter salientado melhor os verdadeiros motivos pela qual a Fifa não aceita os membros da NF-Board. O Tibete, por exemplo, jamais será aceito na entidade enquanto for dominado pelo governo chinês. Visto como um dos mercados com maior capacidade de crescimento no âmbito futebolístico, a China ainda dá seus primeiros passos na modalidade e, sem dúvida, pode render bons contratos para a ‘entidade máxima’ do futebol. Isso sem mencionar o poder político de Pequim na atualidade. Outro ponto que poderia ser mais bem abordado diz respeito aos próprios jogadores que disputam a competição. Das quatro matérias analisadas, apenas o *Lance!* adotou tal postura, ao entrevistar o treinador da seleção da Groenlândia, Jens Olsen. A publicação brasileira, através dos dizeres do técnico, transmitiu para seus leitores o real sentido da grande maioria das nações filiadas à NF-Board:

Atualmente, o que importa para as pessoas que comandam o futebol mundial é o dinheiro e não a alegria que o esporte leva às pessoas. Mas acredito que um dia a Fifa se conscientizará de que o futebol é um assunto esportivo, não político (*Lance!*, ed.08.01.2008, p.22)

É preciso ressaltar, entretanto, que nenhuma das quatro publicações foi desrespeitosa com a organização e seus propósitos. A revista *Don Balón*, em determinado momento da reportagem, chegou a por a credibilidade da NFB em cheque, mas dando sustentação com argumentos interessantes, como já foi aqui mencionado. Além disso, alguns ganchos adotados foram acertados, como a dicotomia ‘futebol moderno’ *versus* ‘futebol romântico’ desenvolvida por *La Hora* e os contrastes entre a Copa do Mundo da Fifa e a VIVA World Cup, no caso do *The Wall Street Journal*.



Resta-nos esperar os próximos capítulos. Verificarmos se a NF-Board – e as demais entidades menores aqui citadas – conseguirão resultados. Mas, de fato, o resultado maior já foi alcançado: a integração entre as mais variadas culturas através de um idioma compreensível por todas: o idioma da bola.

REFERÊNCIAS

ANTEZAMA, L. H. J.. Fútbol: espectáculo e identidad. In: ALABARCES, P. (org.). **Futbologias: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

CANETTIERI, T.. **A importância do futebol como instrumento da geopolítica internacional**. In: Revista de Geopolítica, 2, junho-dezembro/2010.

Don Balón. **La otra FIFA: el mismo fútbol**. Edição do dia 16 de julho de 2010. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/f867c1_7e43164a2c37f4e8a795878dc1197a95.pdf> (Acessado em 30 de novembro de 2013).

FAVERO, P. M.. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. Dissertação (Mestrado). 117f. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2009.

La Hora. **NF-Board: La “otra” FIFA recupera el fútbol romántico**. Edição do dia 24 de abril de 2012. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/f867c1_6b3def0085b2f721e46906198b0a9cc2.pdf> (Acessado em 30 de novembro de 2013).

Lance!. **Série “Relegados pela Fifa”**. Edições do dia 8,9 e 10 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/f867c1_f2c5db4d1b8d6e2fe719bb45b70338a3.pdf> (Acessado em 30 de novembro de 2013).

SANTOS, B. S.. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, outubro/2002.

_____. **Os processos da globalização**. 2002. Disponível em: <<http://www.eurozine.com/pdf/2002-08-22-santos-pt.pdf>> (Acessado em 25 de novembro de 2013).

_____. **Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 78, Outubro/2007.



The Wall Street Journal. **A World Cup for everyone else**. Edição do dia 3 de junho de 2010. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/f867c1_d7101b7c6092d79f4c4fdacabeda2c8a.pdf> (Acessado no dia 30 de novembro de 2013).

VILLENA FIENGO, S.. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: ALABARCES, P. (org.). **Futbologias: Fútbol, identidad y violencia** en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003.